



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

BESTAS APOCALÍPTICAS

Marcos Roberto Inhauser

O livro bíblico se chama Apocalipse, palavra de origem grega que significa “revelação” e é a primeira que ocorre neste livro. Assim, já de início, há uma declaração de intenção do autor: revelar coisas. Ocorre que na história da Igreja e da interpretação bíblica, este livro tem se prestado mais a confusões que a revelações. Isto se deve em parte ao fato de que não há consenso entre os estudiosos se o livro deve ser lido desde uma ótica preterista (relata fatos ocorridos), de uma ótica paradigmática (revela pistas para entender o presente) ou desde uma ótica futurista (revela fatos que acontecerão).

O que chama a atenção é que os maiores teólogos da igreja cristã, tais como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino, Zwínglio, Karl Barth, Paul Tillich entre outros, no que pese serem reconhecidos como doutores pela igreja, não se atreveram a comentar o livro e as alusões que fizeram foram circunstanciais. Por outro lado, me chama a atenção que os maiores “especialistas” em Apocalipse são leigos e pessoas sem disciplina acadêmica para uma empreitada de tal envergadura. Estes saem por aí falando tolices, como a de que a Transamazônica estava profetizada na Bíblia; que não se deve comprar apartamento na praia porque o mar vai virar em sangue e a pessoa perderá seu investimento; que o papa, Hitler, Mussolini, Kissinger, e tantos outros são o anticristo; que a marca da besta é o código de barras; que a China vai invadir o Ocidente; que o Mercado Comum Europeu é a besta de dez chifres.

No fundamentalismo norte-americano ganhou força a interpretação futurista, onde o texto do livro do Apocalipse é tomado como referencial para fatos futuros. Esta ótica, consagrada pelos livros de Hal Lindsey e mais recentemente pela série “Deixados para Trás”, têm produzido apocalipsistas, cada qual com sua interpretação peculiar.

Tenho minhas dificuldades com este tipo de abordagem com o texto deste livro. Se quero ser coerente com toda a mensagem bíblica, há condenações bíblicas para os adivinhadores e prognosticadores e tem gente que quer saber mais do que Jesus sobre o fim dos tempos, pois este, quando perguntado pelos discípulos “será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade”. Por outro lado, as pessoas sérias acadêmica e teologicamente que conheço e que li, preferem uma abordagem preterista ao Apocalipse.

Mas, diante dos recentes fatos envolvendo a guerra contra o Iraque, não consigo deixar de pensar nas duas bestas do Apocalipse, uma que sai da terra e outra que emerge do mar. É muita coincidência! Uma nação que está em uma ilha que se associa a uma outra que tem um imenso território. Uma aliança para fazer com que todos os povos, tribos, línguas e nações se curvem ao desejo das bestas e que ninguém mais possa comprar ou vender sem que tenha deles a autorização (a marca da besta). E o texto ainda fala que proferem blasfêmias. Que me perdoem os que não concordam comigo, mas pedir a benção de Deus para a guerra, tal como o Bush fez ao terminar o seu discurso com o ultimato a Saddam Hussein, é uma blasfêmia. Pedir que o Deus da paz e da vida abençoe a guerra e a mortandade é muita petulância. É blasfêmia pura.....